

Entre espelhos e escrevivências: um relato de experiência sobre o curso “Arrebentando Margens”, de Conceição Evaristo

Mari Avelino Souza dos Santos¹

Resumo

Este relato de experiência objetivou compartilhar reflexões advindas da minha participação no curso “Arrebentando Margens”, conduzido por Conceição Evaristo, realizado na Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro/RJ. O curso ocorreu nos formatos presencial e remoto, sendo composto por quatro encontros com duração de três horas cada. A partir do conceito de escrevivência como prática coletiva de denúncia e afirmação, os encontros evidenciaram o papel da memória e da experiência na construção de narrativas que reconfiguram marcadores sociais da diferença, especialmente no que diz respeito às mulheres afro-brasileiras e afro-diaspóricas. Aqui, proponho-me a compartilhar impressões e aprendizados, tendo por foco a formação docente pautada no antirracismo e na escrevivência. Destaco os momentos mais marcantes durante as aulas e crio uma conexão com minha atuação como professora formadora na rede estadual do Rio de Janeiro/RJ, compondo uma travessia afetiva e profissional. Ademais, este relato se propôs a alcançar aqueles que não puderam participar do curso, oferecendo-lhes uma amostra do conteúdo e da potência da presença de Conceição Evaristo. Ao mesmo tempo, pretendeu-se dialogar com quem esteve presente, como uma oportunidade de rememorar experiências e reativar as reflexões que a autora provocou.

Palavras-chave

Escrevivência. Literatura. Educação. Mulheres negras. Formação docente.

¹ Doutoranda em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil; professora na Rede Estadual do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: maridsantos4@gmail.com.

Between mirrors and *escrevivências*: an experience report on the course “Breaking Margins”, by Conceição Evaristo

Mari Avelino Souza dos Santos¹

Abstract

This experience report aimed to share reflections arising from my participation in the course “Breaking Margins”, led by Conceição Evaristo, held at *Casa Rui Barbosa* in Rio de Janeiro, Brazil. The course was offered in both in-person and remote formats and consisted of four meetings, each lasting three hours. Drawing on the concept of *escrevivência* as a collective practice of denunciation and affirmation, the meetings highlighted the role of memory and experience in the construction of narratives that reconfigure social markers of difference, particularly with regard to Afro-Brazilian and Afro-diasporic women. In this report, I seek to share impressions and insights, focusing on teacher education grounded in anti-racism and *escrevivência*. I emphasize the most significant moments during the sessions and establish a connection with my work as a teacher educator in the state public school system of Rio de Janeiro, composing an affective and professional crossing. Furthermore, this report aimed to reach those who were unable to attend the course, offering them a glimpse of its content and of the power of Conceição Evaristo’s presence. At the same time, it aimed to engage those who attended, as an opportunity to revisit experiences and reactivate the reflections prompted by the author.

Keywords

Escrevivência. Literature. Education. Black women. Teacher education.

¹ PhD candidate in Education, Rio de Janeiro State University, State of Rio de Janeiro, Brazil; teacher in the Rio de Janeiro State School System, State of Rio de Janeiro, Brazil. Email: maridsantos4@gmail.com.

Contexto do relato

A escrita de si, enquanto prática formativa e política, ganha centralidade nos debates contemporâneos sobre currículo, identidade e resistência. Na escrita das mulheres negras, esse ato ultrapassa os limites da autobiografia individual para tornar-se denúncia, partilha e memória coletiva. Isso, estruturado a partir do conceito de “escrevivência”, elaborado por Conceição Evaristo (2020), se constituiu como eixo teórico, ético e afetivo das aulas ministradas em seu curso “Arrebentando Margens”.

Nesse contexto, Conceição Evaristo, professora doutora, escritora e militante da luta negra e feminista, constitui um nome de força e relevância na literatura brasileira contemporânea. Sua presença e sua palavra atravessam fronteiras entre razão e sensibilidade, convocando-nos a repensar a autoria como um gesto político e a literatura como território de resistência.

O curso “Arrebentando Margens” foi uma iniciativa da Fundação Casa de Rui Barbosa que, a princípio, seria ofertado apenas na modalidade presencial. No entanto, diante da expressiva procura – mais de oito mil inscrições –, a organização optou por ampliá-lo também para a modalidade remota, possibilitando que um público mais vasto acessasse a troca potente e singular proporcionada por um curso ministrado por Conceição Evaristo.

Diante da ampla oferta, participei do curso na modalidade remota, o que me permitiu assistir às aulas com calma e profundidade, uma vez que cada encontro estaria disponível por até 20 horas após sua transmissão. Esse formato me ofereceu a oportunidade de pausar, anotar e refletir com mais atenção acerca das ideias compartilhadas.

As quatro aulas, com duração de três horas cada, foram divididas em dois momentos. A primeira abordou a escrevivência como ato coletivo e político, como lugar de existência e resistência. Segundo Conceição Evaristo (2020, p. 34), a escrevivência “nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas”. Trata-se de uma escrita que observa e absorve a vida a partir de um lugar de enfrentamento e denúncia das estruturas opressoras, como o racismo, o sexismo e a desigualdade social. Desse modo, é uma escrita que se propõe a romper o silêncio historicamente imposto aos corpos-vozes de mulheres negras, cujas narrativas foram apagadas ou distorcidas pelos discursos hegemônicos.

A segunda aula tratou de oralidade, oralitura e memória, discutindo estereótipos raciais na cultura brasileira e retomando o conceito de escrevivência. Conceição ressaltou a importância do reconhecimento coletivo da literatura negra, criticou a ideia de excepcionalidade e destacou a escrevivência como ferramenta política, estética e pedagógica,

aplicável em diversos contextos, inclusive na escola e no atendimento psicossocial. Além disso, a aula abordou a relação entre escrevivência, literatura marginal e ancestralidade, demonstrando como essa escrita insubordinada resiste, reescreve o mundo e dialoga com diversas linguagens artísticas.

A terceira aula, intitulada “Nós nas outras, as outras em nós”, reforçou o caráter coletivo e ancestral da escrevivência como paradigma literário e político. Ademais, discutiu os termos “negro”, “afro-brasileiro” e “afro-diaspórico”, destacando o uso político dessas expressões e sua relação com identidade e pertencimento. A aula incluiu reflexões sobre Carolina Maria de Jesus, destacando o apagamento de sua oralidade e a comparação com Clarice Lispector, evidenciando o racismo estrutural nos critérios de valorização literária. Outrossim, apresentou a obra *Chica da Silva: a mulher que inventou o mar*, de Lia Vieira (2001), que reconta a história de Chica a partir de uma perspectiva negra e libertadora. Conceição ainda reafirmou a literatura como território de disputa simbólica e de resistência. A aula foi vivida como uma travessia íntima e política, convocando educadores a revalorizar vozes negras na escola e na literatura.

Conceição Evaristo, para além do conteúdo técnico, recorrentemente nos atravessa com uma energia de inquietação e desprendimento. Ela não apenas ensina, mas inspira. A minha motivação em participar desse curso foi justamente me apropriar do conhecimento que a autora compartilha, como também me aproximar da literatura afro-diaspórica, com a intenção de levá-la para a minha prática enquanto professora formadora. Desejo incorporar, em meu trabalho, tanto a metodologia da escrevivência quanto a potência transformadora da educação antirracista que a literatura afro-diaspórica nos oferece como um presente e, ao mesmo tempo, como uma ferramenta de resistência e reexistência.

O conceito de escrevivência, cunhado pela professora, emerge como uma prática literária e política profundamente enraizada na experiência de vida das mulheres negras brasileiras. Mais do que uma escrita autobiográfica, a escrevivência configura-se como uma forma de resgate da memória coletiva afro-brasileira, articulando subjetividade, ancestralidade e resistência.

Além da dimensão individual, a escrevivência carrega a voz de uma coletividade. Como argumentam Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes (2020), trata-se de uma prática que evoca a oralidade ancestral e a potência simbólica da palavra como instrumento de emancipação, não apenas representando a vida, mas vivida em sua força política e poética. Silva (2020 *apud* Duarte; Nunes, 2020), por sua vez, defende a escrevivência como narrativa

contra-hegemônica, que denuncia o racismo e as desigualdades, unindo estética e função pedagógica.

Em geral, os textos de Conceição Evaristo dão protagonismo a personagens negros, especialmente mulheres, que encarnam saberes e resistências herdados de gerações anteriores. As narrativas articulam o real e o ficcional, reconfigurando imagens históricas – como a “mãe preta” –, agora recontadas a partir de uma perspectiva afirmativa que confere agência e humanidade.

Portanto, a escrevivência pode ser compreendida como uma estética da insurgência e do pertencimento. Ela inscreve no campo literário outras possibilidades de existência, ampliando os limites do cânone e questionando os regimes de representação que marcaram, por séculos, a literatura brasileira.

Por fim, esclareço que a quarta aula do curso não foi contemplada neste relato, uma vez que esteve mais voltada à retomada reflexiva dos conteúdos anteriores e à realização de atividades práticas. Optei por concentrar esta escrita nos três primeiros encontros, que, a meu ver, apresentaram maior densidade conceitual e suscitaram reflexões mais diretamente articuladas à minha atuação como professora formadora.

Procedimentos metodológicos

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de natureza reflexiva, fundamentado na abordagem qualitativa. Originou-se da minha participação no curso “Arrebentando Margens”, ministrado por Conceição Evaristo, e estrutura-se a partir de uma análise crítica das discussões desenvolvidas ao longo dos encontros, articulando-as à minha atuação profissional enquanto professora formadora da rede estadual do Rio de Janeiro/RJ. O conteúdo apresentado neste escrito foi elaborado com base em anotações realizadas durante o curso e em posterior reflexão teórica, buscando estabelecer conexões entre a experiência vivida e suas implicações para a formação docente.

Detalhamento das aulas

Aula 1: Escrevivência, espelhos e a escrita de si como ato coletivo e político

Em primeiro lugar, participar da aula inaugural do curso constituiu uma vivência profundamente mobilizadora, tanto do ponto de vista intelectual quanto afetivo. A escritora nos conduziu, desde os primeiros momentos, por uma travessia de reconhecimento das vozes

silenciadas na história cultural brasileira, tendo como eixo estruturante o conceito de “escrevivência”.

A aula iniciou-se com a análise da imagem da “mãe preta”, frequentemente romantizada pela tradição literária e iconográfica, mas ressignificada por Conceição Evaristo como sujeito histórico-ativo. A Figura 1, trazida por ela, objetivou ilustrar sua fala. Ao rememorar a função dessa figura como primeira mediadora da língua portuguesa para as crianças da casa-grande, Conceição Evaristo destacou o gesto de apropriação linguística como ato de resistência e criação: a língua do colonizador, mastigada pela mãe preta, chega à criança não como instrumento de dominação, mas como alimento cultural ressignificado.

Ademais, outra observação importante trazida pela autora refere-se às feições e às indumentárias. A mãe preta, ainda que escravizada, era vestida com roupas bonitas, pois representava o poder aquisitivo e a posição social de seus “donos”. Seu olhar era austero, firme e sério. O menino da casa-grande, por sua vez, expressa confiança e afeto ao deitar-se sobre seu ombro.

Figura 1 – Augusto Gomes Leal com a Ama-de-Leite Mônica, 1860



Fonte: Coleção Francisco Rodrigues, Fundação Joaquim Nabuco, Recife/PE (Villela, 1860 *apud* Augusto, 2022).

Essa imagem, presente na Figura 1, introduz a noção de matripotência, que se opõe à invisibilização sistemática da maternidade negra nos discursos oficiais. A análise crítica das personagens negras na literatura brasileira – trazida por Conceição Evaristo –, como Bertoleza, Rita Baiana, Gabriela e Tia Nastácia, revela como a maternidade dessas mulheres é frequentemente negada ou omitida. Esse silenciamento ecoa nas estatísticas contemporâneas,

que indicam a maior incidência de violência obstétrica, mortes maternas e natimortos entre mulheres negras no Brasil (Brasil, 2023; Rodrigues, 2020). Em contraste, Conceição Evaristo evidenciou a presença de uma maternidade simbólica, coletiva e politicamente potente nas mães de santo e nas mulheres que nomeiam seus filhos com nomes de matriz africana como gesto de resistência e afirmação.

Na continuidade da aula, adentramos a discussão acerca de autoria e autoridade, problematizando suas genealogias e os atravessamentos de raça e gênero na cena literária brasileira. Ainda que etimologicamente distintas, essas noções se cruzam historicamente, reforçando estruturas de legitimação que, durante muito tempo, mantiveram as mulheres – sobretudo as mulheres negras – à margem dos espaços de enunciação. Refletimos, a partir da trajetória da autora, sobre como o reconhecimento institucional – por exemplo, o Prêmio Jabuti – funciona, muitas vezes, como premissa para visibilidade, mesmo quando o valor literário e político da obra já era plenamente constituído.

Nesse sentido, tornou-se central discutir a quem é conferido o direito de narrar. A pergunta provocativa lançada por Conceição Evaristo – “O branco pode fazer escrevivência?” – não visa a interditar, mas evidenciar que a escrevivência parte de um lugar específico: corpos marcados pela história da escravização, da interdição e da luta. Corpos que escrevem a partir de vivências racializadas, de dores silenciadas e da urgência de nomear suas experiências a partir de si. Como destacou a própria autora, escrevivência “não é para adormecer a casa grande, mas para acordá-la de seus sonhos injustos” (Conceição Evaristo, 2020, p. 30).

Em geral, um dos momentos mais fecundos da aula foi a introdução da metáfora dos espelhos. A imagem do espelho de Narciso, símbolo da autoadmiração paralisante e da estética eurocêntrica excludente, foi rejeitada como inadequada para pensar a escrita negra. Em seu lugar, Conceição Evaristo propôs os espelhos de Oxum e de Iemanjá: imagens simbólicas que não refletem apenas a aparência, mas convocam à ação, ao reconhecimento e à luta. O espelho, nesse contexto, não é contemplação passiva, mas ferramenta de guerra, uma superfície na qual o corpo negro se reencontra com sua beleza, sua potência e sua história. Não se trata de uma escrita narcísica, mas de uma escrita que nasce da coletividade e a ela se dirige, mesmo quando escrita na primeira pessoa.

A culminância da aula esbarrou-se com a apresentação de autoras negras latino-caribenhas e brasileiras que compõem a genealogia da escrevivência: Beatriz Nascimento, Cidinha da Silva, Dandara Suburbana, Elaine Barbosa, Lia Vieira, Esmeralda Ribeiro e Kiusam de Oliveira. Tratam-se de mulheres cujas produções atravessam fronteiras entre o

literário, o político e o ancestral, contribuindo para a construção de um cânone literário mais diverso, mais justo e mais representativo das múltiplas vozes que compõem o Brasil.

Aula 2: Oralidade, oralitura e memória

No segundo encontro do curso “Arrebentando Margens”, vivenciei uma aula que aprofundou reflexões acerca do reconhecimento da intelectualidade negra e o conceito de escrevivência enquanto ferramenta crítica, estética e pedagógica. A aula foi iniciada pela autora com uma provocação: “Tudo no Brasil termina em festa”, tratando-se de uma crítica à leitura superficial das manifestações culturais brasileiras, especialmente à presença negra em eventos como o samba e o carnaval. Esse mote serviu para introduzir a discussão acerca dos estereótipos raciais na literatura e cultura brasileira, retomando o pensamento de Alberto da Costa e Silva², que destaca como os estigmas ligados ao negro e como o africano escravizado associado à festa e à música persistem, ainda que ganhem novas roupagens. Nesse horizonte, Conceição Evaristo enfatizou que a leitura eurocêntrica limita a compreensão da experiência negra, reiterando a necessidade de outras perspectivas.

Ao responder questionamentos formulados por participantes presenciais e virtuais, Conceição falou sobre o reconhecimento enquanto escritora negra e a crítica à ideia da excepcionalidade, que individualiza conquistas e invisibiliza coletividades negras. Ela citou Machado de Assis como exemplo de “embranquecimento” pela crítica, alertando para os perigos da lógica meritocrática que descola sujeitos negros do seu contexto coletivo.

O conceito central da aula – a escrevivência – foi tratado como uma escrita paradigmática que transcende a primeira pessoa, funcionando como um gesto político e estético que fortalece a coletividade historicamente silenciada. Conceição ressaltou a importância da escrevivência na educação, destacando que, ao narrar suas próprias histórias, sujeitos negros e periféricos constroem pertencimento e identidade, evidenciando autores como Terez Cárdenas e Maria Gantois que articulam dores coletivas de modo sensível.

Além disso, a autora apresentou relatos que demonstram o impacto da escrevivência em diferentes contextos, como a atuação de um psicólogo que, ao atender um paciente em crise, identificou que sua situação se relacionava à fome, evidenciando, assim, a importância de compreender a complexidade social antes de patologizar experiências.

² O autor foi citado por Conceição Evaristo durante a aula 2 do curso, não havendo referência explícita à obra utilizada.

Ao ser questionada sobre a escrevivência enquanto metodologia, Conceição foi enfática ao afirmar que essa não deve ser reduzida a um modelo fechado, mas entendida como possibilidade viva e plural, fluida e aberta a múltiplas formas de apropriação e criação.

Um momento de grande impacto na aula foi a discussão sobre o apagamento das autoras negras em universidades e na mídia. Conceição compartilhou a trajetória de resistência que permitiu a entrada da literatura negra no currículo escolar, ressaltando que essa conquista resultou da insistência e coragem de professoras, estudantes e ativistas que desafiaram o silenciamento histórico. Ela reforçou que o reconhecimento literário negro é um direito e não um favor.

A escritora evocou também a ancestralidade presente na cultura negra, relatando memórias pessoais e gestos cotidianos carregados de significados ancestrais, mesmo quando não formalizados em práticas religiosas. Esse resgate da memória, da oralidade e do corpo como lugares de resistência foi apresentado como um dos fundamentos da escrevivência.

No que concerne à relação entre escrevivência e literatura marginal, Conceição desconstruiu a ideia simplista da margem como espaço estilístico, afirmando ser um lugar de conflito e tensão para sujeitos negros e periféricos. A escrevivência, por sua vez, nasce dessa tensão e se apresenta como uma literatura desobediente, que disputa espaço e visibilidade sem aceitar a posição de coadjuvante.

Além disso, a autora destacou a inter-relação da literatura com outras linguagens artísticas, como o cinema, a música e a dança, afirmando que a escrita é um organismo vivo que dialoga e se transforma em múltiplas formas de expressão. Ela citou o filme *Um dia com Jerusa*, de Viviane Ferreira, como exemplo de escrevivência audiovisual, ressaltando que a autoria negra e a narrativa sensível são fundamentais para essa potência.

Ao refletir sobre a dor enquanto experiência coletiva negra, Conceição Evaristo evidenciou que, embora a dor seja condição humana universal, a população negra carrega dores estruturais transformadas em resistência e cura pela escrevivência. Essa forma de escrita possibilita transformar o trauma em palavra compartilhada e ação política.

Por fim, diante das ameaças de censura e avanço do conservadorismo, Conceição reafirmou o papel da literatura negra, especialmente aquela produzida por mulheres, como instrumento de denúncia, esperança e reimaginação do mundo. Ela celebrou a coragem da nova geração de autoras que abordam sexualidade, prazer e desejo sem pedir licença, protagonizando uma verdadeira revolução estética e política.

Aula 3: Nós nas outras, as outras em nós

Na terceira aula do curso, Conceição Evaristo reforçou o caráter coletivo e ancestral da escrevivência como paradigma literário e político. Iniciando com agradecimentos e uma autodescrição permeada de humor e afeto, ela reafirmou o pertencimento ao espaço público e à memória negra como territórios de resistência.

A autora retomou a imagem emblemática da mãe preta (Figura 1) – figura frequentemente representada pela ótica colonial. Para ela, a escrevivência se propõe a ressignificar essa imagem: não a nega, mas a desloca, recuperando sua voz sufocada como signo de movimento, resistência e potência de futuro. A escrevivência, portanto, não é um mero relato pessoal, mas uma narrativa que convoca ancestralidade, ruptura e reexistência.

Outrossim, Conceição enfatizou as diferenças entre escrevivência, escrita de si, autoficção e literatura narcísica, alertando para a necessidade de manter o fundamento político e coletivo da escrevivência em pesquisas acadêmicas e nas práticas artísticas contemporâneas. Outro aspecto relevante foi a discussão sobre terminologias como “negro”, “afro-brasileiro” e “afro-diaspórico”. Ao compartilhar sua experiência geracional, ela explicou que o uso da palavra “negro” foi um gesto político do movimento negro para esvaziar seu sentido pejorativo e ressignificá-la com orgulho. Em sua visão, dizer “afro-brasileiro” é reivindicar uma brasilidade forjada também pela civilização africana e suas marcas culturais, espirituais e linguísticas. Por fim, o termo “afro-diaspórico” não foi claramente explicitado em sua fala; por isso, recomenda-se a leitura de José Antônio dos Santos (2008)

Em geral, a aula foi permeada por reflexões sobre a função da literatura como território de vozes historicamente silenciadas. Conceição Evaristo destacou que a literatura não pode ser pensada apenas como estética, mas como espaço discursivo de disputa, representação e deslocamento. Nesse sentido, a escrevivência desestabiliza cânones, rompe com uma crítica literária excludente e insere outras formas de narrar e existir.

A autora nos conduziu, por fim, a uma leitura crítica da trajetória de Carolina Maria de Jesus (2021), especialmente por meio de sua obra *Diário de Bitita*. O livro revela o percurso errante de uma mulher negra que atravessou espaços e não encontrou lugar, “uma mulher que não cabia em lugar nenhum”, como apontou Conceição durante o curso. Seu deslocamento entre cidade, favela, espaços da branquitude e das margens revela a travessia de uma escrita nascida do vivido e do impossível.

Durante a aula, Conceição fez uma comparação entre Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector, o que me agradou. Tratam-se de duas mulheres que escreviam a partir das

suas angústias existenciais, mas são lidas de forma absolutamente desigual: enquanto Clarice é considerada “enigmática”, Carolina é, muitas vezes, tratada como “louca”. Essa leitura desigual expõe a estrutura racista que define quem pode ser reconhecido como gênio literário e quem é relegado ao campo da exceção, da curiosidade ou da excentricidade.

No entanto, Conceição Evaristo nos mostrou, na aula, que Carolina era plenamente consciente de seu gesto literário. Leiga em termos escolares, mas letrada na experiência e na sensibilidade, ela escrevia com esforço de estilo, lia provérbios, cultivava pensamentos próprios e frequentava espaços de debate político. Publicou livros individualmente, escreveu poemas, romances, reflexões, e tinha o desejo de ser reconhecida não apenas como mulher negra, mas como escritora. Essa afirmação de autoria, para além do que o ocidente tradicionalmente legitima, é um gesto revolucionário.

Ademais, a aula nos conduziu a pensar sobre a figura de Chica da Silva, constantemente representada sob uma lente racista e sexualizada. Da novela “Xica da Silva”, de Walcyr Carrasco (Xica da Silva, 1996), ao filme de mesmo nome de Cacá Diegues (Xica da Silva, 1976), Chica é retratada como a mulher sedutora, perversa, que manipula – um retrato enviesado que reforça estereótipos coloniais. Conceição Evaristo, nesse contexto, nos apresentou o trabalho de Lia Vieira (2001), uma autora negra que reescreveu essa história no livro *Chica da Silva: a mulher que inventou o mar*, propondo outro olhar; dessa vez, a partir do corpo, da voz e da ancestralidade de uma mulher negra que se recria, que faz do mar um território de invenção e liberdade.

Nesse livro, com ilustrações de Iléia Ferraz, símbolos africanos são revalorizados, a memória da diáspora é celebrada e a palavra se torna instrumento de cura, reconstrução e empoderamento. Ao contrário da imagem da mulher “domesticada” pelo senhor branco, destaca-se uma Chica que reinventa o tempo, reencanta o mundo e reivindica para si o direito de nomear.

A aula foi encerrada com uma proposta sensível de escrita baseada na memória: cada participante deveria levar um objeto que evocasse lembranças pessoais, a fim de construir um texto de escrevivência a partir dessa relação afetiva na aula seguinte. Ela reforçou que o exercício não era apenas uma tarefa, mas uma experiência de mergulho na própria história, convocando as presenças, as ausências, as dores e os afetos que constituem a memória individual e coletiva. O gesto de escrever a partir de um objeto tornou-se, assim, um rito de evocação, como se a matéria guardasse camadas de tempo e sentidos capazes de disparar a escrevivência.

Educar para ver inteiro: reflexões sobre o curso e minha função como professora formadora

A aula inaugural do curso me fez refletir acerca de minha prática enquanto professora formadora da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (Seeduc-RJ), especialmente ao atender professores que atuam em territórios de vulnerabilidade social. Na formação de professores e gestores, percebo a urgência de transversalizar o discurso antirracista em todas as formações, e não o isolar em grupos temáticos. A educação antirracista não pode ser um eixo opcional, ela precisa atravessar todos os encontros formativos, todas as práticas, todas as escutas. A escrevivência, nesse contexto, surge como uma estratégia para sensibilizar os educadores a enxergarem a realidade de seus estudantes para além das estatísticas, como histórias que pulsaram e sofreram apagamentos, mas que continuam a reexistir.

A metáfora dos espelhos de Oxum e Iemanjá, proposta por Conceição Evaristo, ecoa como um chamado a formar professores para se tornarem ofertantes de espelhos, capazes de devolver aos estudantes a dignidade e a beleza de suas histórias. Em uma rede como a Seeduc-RJ, com escolas marcadas por profundas desigualdades, essa imagem se converte em prática pedagógica, buscando devolver humanidade onde o racismo insiste em se fragmentar.

A crítica à lógica meritocrática e ao embranquecimento de figuras como Machado de Assis provocou-me a refletir sobre como a formação docente precisa romper com a ideia da “excepcionalidade” negra. Nas escolas públicas fluminenses, reconhecer os estudantes negros como sujeitos de saberes legítimos, e não como exceções de sucesso em meio à precariedade, é um passo essencial para uma educação verdadeiramente democrática. Em geral, Conceição Evaristo nos alerta para o risco de esvaziar a escrevivência quando ela é tratada superficialmente, como mera autobiografia escolar.

Meu papel como formadora após esse curso será contribuir para os educadores compreenderem a escrevivência como um gesto coletivo e político, conectado às lutas e vivências das comunidades. Nesse contexto, oficinas de escrita a partir de objetos de memória, por exemplo, podem ser caminhos para que professores reflitam acerca de suas próprias trajetórias e sobre as histórias silenciadas de seus alunos, construindo processos formativos que sejam, ao mesmo tempo, afetivos e críticos.

Além disso, enxergo a necessidade de revisitar a forma como abordamos as manifestações culturais negras na escola. Quantas vezes o samba, o Carnaval e a oralidade, por exemplo, são esvaziados de seu significado político, tratados como folclore ou mero

entretenimento? A escrevivência nos convoca a (re)territorializar essas práticas, resgatando suas dimensões históricas e insurgentes.

As provocações sobre as terminologias “negro”, “afro-brasileiro”, “afro-diaspórico” me instigam a propor, nos encontros formativos na Seeduc-RJ, debates sobre linguagem, identidade e pertencimento. A escolha dos termos não é neutra. Formar professores para compreenderem essas camadas é essencial para práticas pedagógicas conscientes e respeitadas.

Por fim, a afirmação de Conceição Evaristo, durante o curso, de que “nossos textos dialogam mais com outras mulheres negras do que com a literatura branca daqui”, ressoa como um chamado urgente a repensar a formação docente como uma prática de interculturalidade e resistência transnacional. Em tempos de censura e avanço do conservadorismo, formar professores para se tornarem mediadores de escrevivências é uma ação estratégica, necessária para romper com o silenciamento histórico e afirmar a pluralidade de vozes na escola pública.

Essa mediação, no entanto, não se limita à inserção pontual de autoras negras nos planejamentos de aula. Trata-se de construir uma abordagem interdisciplinar, na qual os conteúdos produzidos por essas autoras ocupem um lugar central nas práticas pedagógicas, rompendo com a lógica eurocêntrica e com a exaltação dos saberes hegemônicos do homem branco. Desse modo, é preciso deslocar essas narrativas das margens para o centro do currículo, garantindo que a escrevivência seja reconhecida como um saber legítimo e transformador em todas as áreas do conhecimento, e não apenas como um tema restrito às aulas de Linguagem ou Literatura.

Para concluir, volto para minha função como formadora com a certeza de que cada encontro com os professores pode ser um espaço de insurgência, onde a escrita de si se transforma em prática coletiva de resistência e reexistência. Formar educadores é, dessa maneira, ofertar espelhos; espelhos que devolvam aos nossos professores não uma imagem distorcida, mas um reflexo inteiro, potente, ancestral e digno. Espera-se, por fim, que eles fortaleçam uma prática antirracista e possam romper com as imagens fragmentadas impostas pela colonialidade.

Considerações finais

De modo geral, participar do curso “Arrebentando Margens” ampliou minha compreensão da escrevivência como prática formativa e política. Mais do que uma categoria

textual/literária, ela se revelou uma possibilidade concreta de ação pedagógica comprometida com a educação antirracista e com a valorização de memórias historicamente silenciadas.

Como professora formadora, retorno dessa experiência convicta de que a escola pode constituir-se como espaço de fortalecimento e mobilização. A sala de aula tem potência para oferecer sustentação simbólica e intelectual a professores e estudantes, para reconhecerem suas histórias como legítimas, questionarem desigualdades naturalizadas e enfrentarem, com consciência crítica, as barreiras impostas pelo racismo estrutural.

A escrevivência, por fim, nos lembra que narrar a própria experiência não é um ato individual, mas um gesto de afirmação coletiva. Logo, espero que nossas escolas sejam territórios em que essa afirmação se concretize com coragem, responsabilidade e compromisso com uma educação que não apenas denuncie o racismo, mas atue efetivamente na sua superação.

Referências

AUGUSTO Gomes Leal com a Ama-de-Leite Mônica. **Enciclopédia Itaú Cultural**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/97040-augusto-gomes-leal-com-a-ama-de-leite-monica>. Acesso em: 6 abr. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Morte de mães negras é duas vezes maior que de brancas, aponta pesquisa. **Gov.br**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/morte-de-maes-negras-e-duas-vezes-maior-que-de-brancas-aponta-pesquisa>. Acesso em: 6 abr. 2026.

DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

JESUS, C. M. **Diário de Bitita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RODRIGUES, A. A. “**É racismo que está aqui, e é isso que vai pautar até o fim**”: o ativismo de mulheres negras sobre violência obstétrica. 2020. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/items/0092b430-2386-49bb-a2f9-d27d47f2fdbb>. Acesso em: 6 abr. 2026.

SANTOS, J. A. Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida. *In*: MACEDO, J. (org). **Desvendando a história da África**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 181-194.

VIEIRA, L. **Chica da Silva**: a mulher que inventou o mar. Rio de Janeiro: OR Produtor Editorial Independente, 2001.

XICA da Silva. Autoria: Walcyr Carrasco. Direção: Walter Avancini. Produção: Rede Manchete. Rio de Janeiro: Rede Manchete, 1996. 1 obra audiovisual (telenovela).

XICA da Silva. Direção: Cacá Diegues. Produção: Cacá Diegues. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1976. 1 filme (ca. 117min).

Submetido em 4 de março de 2026.

Aprovado em 16 de março de 2026.